

## **SILENCIADOS DA HISTÓRIA: COMO A MULHER APARECE NA SOCIEDADE FRANCESA DA REVOLUÇÃO A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL**

Rejane Maria da Silva Farias<sup>1</sup>; Tatiana Carla Rabelo Menezes Aragão<sup>2</sup>;

Ms. Rejane Maria da Silva Farias<sup>1</sup>

*1 Mestre pelo Programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/ CCT, e-mail: [rejane.silvarms@hotmail.com](mailto:rejane.silvarms@hotmail.com)*

*2. Especialista pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, e-mail: [Tatyrabelo@hotmail.com](mailto:Tatyrabelo@hotmail.com)*

*1 Mestre pelo Programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/ CCT, e-mail: [rejane.silvarms@hotmail.com](mailto:rejane.silvarms@hotmail.com)*

**Resumo:** O presente trabalho objetiva fazer um resgate histórico de análise bibliográfica acerca dos processos de invisibilização aos quais as mulheres foram submetidas no decorrer dos tempos. Pretende-se levantar questionamentos que sirvam de suporte para que se possa compreender o papel social atribuído às mulheres que vai se perpetuando como verdades absolutas. Tomamos como referencia o momento histórico da sociedade francesa a partir do século XVIII por compreendermos que essa época foi de grande conquista feminina e assim poderemos analisar historicamente como os nomes de mulheres surgem em distintos momentos históricos. Essa pesquisa será de caráter exploratório, bibliográfica e historiográfica e pretendemos que assim seja um recorte de algumas dificuldades que as mulheres enfrentaram nesse período analisado para transpor as barreiras da invisibilidade e com isso firmar nomes femininos em feitos históricos que marcaram a sociedade como um todo.

**Palavras-chave:** Mulher; Sociedade; Invisibilização;

### **1. Introdução**

O presente trabalho objetiva fazer um resgate histórico de análise bibliográfica acerca dos processos de invisibilização aos quais as mulheres foram submetidas no decorrer dos tempos. Fazendo um apanhado histórico em especial em torno da sociedade francesa a partir do século XVIII e de alguns acontecimentos marcados que contribuíram com a definição dos papéis sociais de homens e mulheres no decorrer dos tempos.

Para compreendermos o papel da mulher na sociedade atual se faz necessário um resgate da trajetória de fatos históricos feministas que vêm sempre galgadas em um cenário social de muita luta e conquistas a custo de muito esforço. Far-se-á aqui um resgate dessas conquistas moldadas em seus espaços sociais, bem como as dificuldades oriundas desses novos espaços que gradativamente foram sendo abertos para as mulheres. Buscar-se-á suporte em historiadores que retratem tanto a história francesa quanto as conquistas femininas nesse

meio. Os pesquisadores que darão suporte a esse trabalho serão Michelle Perrot e suas contribuições acerca dos silenciados pela história e a invisibilidade que as mulheres adquiriram no decorrer dos tempos, Jules Michelet, e suas colocações acerca do momento histórico vivido pelas mulheres na revolução, Eric J. Hobsbawn com suas contribuições sobre a sociedade francesa e Wegen Weber que trata da história da França nesse fim de século.

A escolha desse momento histórico e dessa sociedade se deu exclusivamente por ser o período em que as mulheres saíram da completa invisibilidade para o início de conquistas que só foram possíveis graças ao entendimento de ambas que seria necessário luta e muita determinação para conseguir espaços para aparecer no cenário. Nesse período, passou-se a ver as mulheres como seres detentores de poderes e assim capazes de gerir e administrar suas vidas sem a completa intervenção do homem, sejam eles, os pais, irmãos ou maridos quando casadas. Antes desse período que será analisado aqui, as mulheres serviam exclusivamente a procriação da espécie e sendo assim não tinham direitos definidos socialmente.

Essa pesquisa será de caráter exploratório, bibliográfica e historiográfica e pretendemos que assim seja um recorte de algumas dificuldades que as mulheres enfrentaram nesse período analisado para transpor as barreiras da invisibilidade e com isso firmar nomes femininos em feitos históricos que marcaram a sociedade como um todo.

Contudo, não se pretende aqui ampliar o debate para as discussões de gênero. Os fatos históricos analisados nos servirão para que possamos compreender como a mulher sofreu um processo de invisibilização histórica e por quais motivos ela não aparece nos fatos contados. Como podemos perceber, será uma análise com relação a espaços que vem sendo gradativamente definidos socialmente e conseqüentemente alguns grupos sociais estão ficando excluídos dessa história. As mulheres sofrem esse esquecimento principalmente quando nos remetemos a ciência, tecnologia e política.

A nova mulher que surge perante as reivindicações de uma nova sociedade, exige uma nova educação para as moças, expressa seus debates em tribunas masculinas, fazem parte da pesquisa científica do mais alto poderio. Muito embora essas conquistas surjam de modo modesto e tímido. Certo é que a mulher advinda desse período se caracteriza por popular e rebelde. Começando a mostrar fatos da história em que elas protagonizaram (PERROT, 2010).

## 2. Presença feminina na sociedade francesa no século XVIII

Para compreendermos o processo de invisibilização que a mulher foi submetida no decorrer dos tempos e passar a compreender a mulher na sociedade atual se faz necessário um resgate da trajetória feminina que vêm sempre galgada em um cenário histórico de muita luta e conquistas a custo de muito esforço. Far-se-á aqui uma breve discussão acerca da mulher e da história contada por homens que se ocupou de torna-las coadjuvantes em determinados momentos históricos e que por isso muitas foram apagadas e não surgem nos cenários sociais.

Muito embora atualmente esteja sendo reconhecido esse papel feminino na construção e no fazer histórico, as mulheres foram durante muito tempo, mantidas como submissas aos homens, quando não era ao pai ou irmãos, era ao marido e isso acaba por demarcar espaços sociais e lugares definidos de homens e mulheres na sociedade. A eles cabe a tarefa de serem detentores dos saberes e da cultura que deve ser ensinada a todos, regras e padrões sociais são definidos unicamente por homens. A elas cabe a tarefa de serem donas do lar e responsáveis por manter a família. Mulheres basicamente deveriam ocupar-se unicamente de filhos e maridos e terem a casa como a única responsabilidade máxima.

Agrega-se a esse delimitador de espaços sociais, o fato de que a história da forma que a conhecemos foi contada por homens. Sendo assim, as mulheres que transcendiam esses padrões sociais e acabavam tomando lugares de destaque e sendo o diferencial perante algum meio masculinizado eram invisibilizadas na forma de contar essa história. Assim, elas deixavam de aparecer em situações que naturalmente dominavam unicamente por serem mulheres em espaços sociais não definidos para elas.

Michelle Perrot (2010) cita que da história, muitas vezes a mulher é excluída. E não se trata de fazer uma visão romantizada de gênero, não se trata de apontar a mulher como gênio que deveria estar no centro das discussões. Trata-se de compreender que no processo histórico, muitas foram as mulheres que contribuíram para o fazer social. Mas, se for analisado quantas mulheres aparecem nessa história que nos é contada, será possível perceber que quando surge alguma exceção essa aparece como ajudante ou coadjuvante de homens que fizeram saber histórico, elas apenas aparecem como a ajuda que eles necessitavam.

A carência de fontes históricas fieis aos fatos, nos remete a entender que se conta um fato de modo a privilegiar determinados lados da história. E assim pode-se perceber que aconteceram momentos em que algumas mulheres transpuseram limites e fizeram história, seja para a sociedade, seja para as famílias, elas não deveriam estar nesses lugares fazendo essas coisas. Com isso, entra em processo o modo de contar as versões das histórias e o meio

de ocultamento do fazer que muitas delas conseguiram realizar. Isso nos remete um questionamento: como chegar a verdade dos fatos sobre a participação feminina na elaboração dos saberes e culturas sociais?

A historicidade nos mostra que as conquistas femininas sempre vieram moldadas em seus espaços sociais. Sempre houveram lugares delimitados para homens e mulheres na sociedade, bem como as dificuldades oriundas desses novos espaços que gradativamente foram sendo abertos para as mulheres.

Fato é que existiram períodos em que as mulheres serviam exclusivamente a procriação da espécie e eram responsáveis unicamente por receberem o novo ser que inclusive era biologicamente conquista única do homem, a mulher seria apenas o ser passivo que receberia o feto e assim o traria ao mundo. Historicamente, a mulher até o ato de procriar a espécie foi, em determinadas épocas, tornada passiva. Onde, o homem por ser o macho da espécie era lhe atribuído toda a responsabilidade pela fecundação do novo ser.

Existiram de fato algumas civilizações em que as mulheres não deveriam ser responsabilizadas pela fecundação do ser. Elas serviriam apenas como o local onde o novo ser formado pelo homem seria depositado e assim sua responsabilidade seria unicamente alimentar e guardar o novo ser para que continuasse firme e forte, assim como o homem o havia criado.

Podemos perceber que a historiografia em particular foi muito radical com o lado que adotou para privilegiar. A história contada deixa margens, e o modo como é contada leva a crer que mulheres não fizeram parte do fazer histórico. Que essas, não conseguiram escrever seus nomes e ocupar espaços na mesma proporção que os homens. Contudo, ainda mais cruel que a invisibilização que sofreu a mulher no decorrer dos anos é o modo como essas culturalmente assumiram o papel de submissas e que a custas de muito esforço tentam mudar essa realidade no decorrer dos últimos anos.

Se tomarmos como exemplo de sociedade a França do século XIX e nos propusermos a analisar as contribuições em termos de direitos adquiridos pela sociedade que vieram a privilegiar as mulheres a partir desse momento histórico da sociedade tomada pela revolução que mudou a história econômica e social do país. Poderemos compreender que as lutas femininas foram enormes e que as conquistas, embora em alguns momentos históricos tenham sido singelas, fizeram com que a mulher passasse a entender que pode ter os mesmos direitos que os homens e podem com isso transpor limites e feitos sociais.

De acordo com as definições de Michelle Perrot a Revolução inicia um processo de modificações nas estruturas da sociedade francesa, começa a definir claramente as esferas públicas e privadas, questiona a diferenciação entre os papéis sociais do homem político e da mulher doméstica. Embora se trate de uma sociedade patriarcal os papéis da família, dos pais e demais pontos começam a ser questionados e modificados. Um dos pontos mais cruciais dessas conquistas vai ser em torno do reconhecimento do direito ao divórcio.

Com os novos ideais da Revolução as mulheres poderiam em casos específicos serem divorciadas e assim manterem suas vidas sociais sem intervenção alguma por parte do antigo cônjuge, muito embora os motivos que levavam um casal ao divórcio fossem extremamente analisados e muitas vezes os direitos eram mais claros para o homem, ainda assim isso foi uma conquista, levando em consideração que em tempos anteriores as mulheres não poderiam ao menos questionar a separação, mesmo que o homem mantivesse outras mulheres e tivesse abandonado o lar por muitos dias.

O artigo 7 da constituição de 1791 vem considerar o casamento apenas um contrato civil, logo assim como um contrato ele poderia ser desfeito, caso ambas as partes estivessem de acordo, apenas alguns motivos justificariam o pedido para conceder um divórcio, segundo Michelle Perrot: A insanidade; a condenação de um dos cônjuges a penas aflictivas ou infamantes; os crimes de um contra o outro; o notório desregramento de costumes; o abandono do lar por mais de dois anos. Nesses casos o divórcio era concedido imediatamente.

Essa era uma modernidade impensada para a época, entre os anos de 1792 e 1803 foram registrados quase 30 mil divórcios na França. Em seguida a esse período houve um grande decréscimo desses números, até o divórcio ser abolido em 1816, muito embora os números de concessões já houvessem caído desde os anos de 1803, houve apenas um grande movimento de pedidos nos primeiros anos de promulgação da lei que legalizava essa ação. As mulheres ao que os fatos indicam, se beneficiaram muito com essa nova lei, sendo que cerca de 20% dos pedidos foram encaminhados por elas, isso fazia com que os nomes femininos passassem a aparecer na Europa, mulheres divorciadas e ainda por cima, mulheres que tomaram a decisão dessa escolha.

A Revolução Francesa deu as mulheres com a concessão do divórcio a oportunidade de legalizar uma situação que já vinha se estendendo há muito tempo pelo país. Muitos homens haviam abandonado os lares há muitos anos, mantinham outras famílias, ou simplesmente sumiram por motivos variados, as mulheres mantinham os nomes de casadas muito embora na prática não possuísse convívio com o cônjuge há muito tempo. A

legalização do divórcio deu a oportunidade de regularizar a situação e a chance de continuidade das vidas sociais dessas mulheres.

Observemos que nos referimos aqui apenas a conquista do divórcio como uma forma de superação feminina com relação a sua submissão total. Com esse feito a mulher poderia deixar de ser casada, caso no julgamento fosse decretado, como também, elas poderiam conviver normalmente em sociedade depois dessa ação.

Para as mulheres esse ato de poder ser uma mulher divorciada, tirava delas a obrigação de ter que obedecer e servir aos homens de todas as formas, mesmo que esses tivessem de fato sendo prejudiciais a sua estrutura. Antes dessa conquista, as mulheres eram submetidas a casamentos mal estruturados e famílias que as degradava e nada poderia ser feito sob essa ótica.

Seguindo nossa discussão a cerca dessas ações de invisibilização, e ainda permanecendo no cenário da sociedade francesa do século XIX. Se pensarmos na participação feminina na indústria e na operacionalização das máquinas. Será fácil levantar fatos históricos que apontem a mulher como auxiliar de homens na produção manufatureira.

Segundo Michelle Perrot (1988), é muito provável que o início da produção industrial de maquinaria tenha tentado se apoiar em mulheres para erguer suas fabricas. Se for analisada a historicidade desse tema no século XVIII, muitas fontes apontam mulheres sendo responsáveis por produções, inclusive manuseando as máquinas. Como também será possível encontrar registros que apontam mulheres sendo responsáveis pela fiscalização de homens na produção.

Essa situação se explica pelo fato de que mulheres estavam em casa e teoricamente sem profissão. Homens estavam nos campos, nas batalhas, na política, na ciência, e exercendo ainda suas profissões. Assim, as fabricas chegaram com mais facilidades para mulheres e crianças, que poderiam disponibilizar tempo e mão de obra barata para a produção.

Contudo, se analisarmos o século XIX, será possível perceber que a mesma frequência de participação feminina não é mais tão expressiva quanto no século anterior. As mulheres somente eram encontradas em estabelecimentos do tipo religioso (oficinas de caridade, internatos têxteis), as pessoas responsáveis pela supervisão técnica e pela fiscalização da produção era sempre masculino. Assim, nesse período as fabricas contribuem para aumentar ainda mais as divisões sexistas entre homens e mulheres e fazem com que essas divisões agreguem ainda mais diferenciações de gênero.

Basicamente as tradições e as formas de agir perante determinadas situações faz com que se tome um lado da história, e esse lado acaba sendo sempre um modo de oprimir e mistificar o outro lado. No caso que analisamos, as mulheres foram apagadas e tornadas submissas de processos históricos e sendo assim assumiram esse papel de forma que na atualidade se torna mais complicada a transposição de limites e barreiras sociais.

De um lado, o espaço das fábricas e da profissionalização desejada pela mulher, do outro lado, a família e suas responsabilidades com o cuidado e a manutenção da mesma. Eram atribuições que deveriam ser unicamente delas. E assim, o ideologismo de gênero acaba sendo empregado e sendo perpassado por gerações.

Se voltarmos ainda mais no tempo na sociedade francesa e tomarmos como análise o período da revolução desse país notaremos diversos outros fatores que nos servem de base para compreendermos o papel feminino nessa sociedade.

Liberdade igualdade e fraternidade foi o lema dos pilares constituídos na França no final do século XVIII. Esses eram tidos como o tema de luta por uma sociedade que buscava imensas mudanças e modificações nas suas estruturas, principalmente numa sociedade onde se lutava pela igualdade de direitos perante todos. A Revolução opera como uma ruptura dramática e contraditória, em nome desses ideais a sociedade se modifica e passa a ter seus costumes antes interiorizados de modo tradicional, modificados a base de muita luta e os interesses privados e públicos passam a ser modificados de modo radical.

A palavra liberdade significava nesse contexto que os governos não pudessem impor opressão sobre a sociedade, seria a população estar livre de toda e qualquer forma de opressão e de que não teriam seus direitos retirados sobre a forma de uma imposição de valores ou direitos. A liberdade era o que ansiava a população no que concerne a ter o direito de decidir sobre suas organizações mais básicas, sobre seus direitos sociais.

A igualdade significava que perante a lei todos os seres são iguais e, portanto devem receber as mesmas designações impostas a sociedade. O que fosse decidido como direito de um seria automaticamente estendido aos demais, com o lema da igualdade para todos.

A fraternidade era pensada como algo que só vinha a beneficiar ao bem comum, homens, mulheres crianças, jovens, idosos todos fazem parte de uma única irmandade a qual todos devem receber o tratamento como iguais, sem haver diferenciação de nenhuma espécie.

Nessa época de lutas e de conquistas de direitos dentro da Revolução Francesa, a França era uma monarquia absoluta e centralizada. O poder absoluto era o do rei, ele decidia condenados e inocentes sem haver necessidade de julgamentos, era o suserano de todos os

senhores do reino, o pai de toda uma nação. Luís XVI era o rei supremo e podia decidir a vida de todos, a paz e a guerra.

Em 1778 a situação francesa não era nada boa, já havia perdido negócios e mercados importantes, tinha adquirido um rombo muito extremo nas contas do país devido às derrotas da guerra contra a Inglaterra a ajuda dos EUA para a independência daquele país. A agricultura que era a fonte de renda principal da França estava em queda devido a incapacidade de competir com a revolução industrial, desastres ambientais e aos atrasos nas colheitas.

Era uma sociedade desigual, com seus direitos divididos de acordo com sua classe econômica. Era uma sociedade estamental, onde havia divisão de direitos e deveres entre os cidadãos e a maior parcela de impostos era paga pela classe econômica.

A sociedade era dividida em três pilares, no topo estavam o Clero, Realiza e a Nobreza, constituídos como o primeiro e segundo estado, essa era a classe das pessoas isentas de impostos e que detinham as maiores regalias do estado, esses tinham direitos a todos os benefícios os quais o estado fosse capaz de oferecer-lhes, sempre colocando a classe menos privilegiada para pagar a conta.

Abaixo vinha o terceiro estado que era constituído com 99% da população, ou seja, cerca de 24 milhões de franceses, que não tinham direitos políticos, mas que sustentavam todas as regalias do clero e da nobreza. Esses eram os responsáveis pelas despesas da grande maioria dos franceses.

Observam-se com veemência que os pequenos acabam pagando a conta pelos privilégios destinados a uma pequena minoria, os impostos exorbitantes vai fazer um levante na sociedade e vai ser a mola propulsora de grandes revoluções na sociedade francesa.

O desagrado da sociedade francesa com o rei Luís XVI e a rainha Maria Antonieta, somados a pobreza e pagamentos de impostos cada dia mais exorbitantes acabam dando mola propulsora para o levante da sociedade contra a monarquia e faz da revolução uma das mais sangrentas e que trouxeram maiores mudanças para a sociedade francesa nos últimos tempos.

Muitas serão as contribuições que essa revolução trará para que os invisíveis até o momento ganhem espaço para aparecer no momento histórico, muitas mulheres acabam se destacando como condutoras de ações exclusivamente masculinas. Contudo, o que se pretende aqui é analisarmos com cuidado as contribuições em termos de direitos adquiridos pela sociedade que vieram a privilegiar as mulheres a partir desse momento histórico da sociedade tomada pela revolução que mudou a história econômica e social do país.



De acordo com as definições de Michelle Perrot a Revolução inicia um processo de modificações nas estruturas da sociedade francesa, começa a definir claramente as esferas públicas e privadas, questiona a diferenciação entre os papéis sociais do homem político e da mulher doméstica. Embora se trate de uma sociedade patriarcal os papéis da família, dos pais e demais pontos começam a ser questionados e modificados.

Muitos podem ser os momentos históricos e os espaços de tempo que podemos tomar como base para nossa análise. Contudo, em todos os espaços escolhidos e com poucas diferenciações aparecerá visivelmente esse processo de invisibilização que alguns grupos sociais foram submetidos. Em especial, as mulheres, por ser nosso grupo de análise. É muito evidente a caracterização dos espaços definidos e o quanto elas foram apagadas dos processos históricos.

As representações do poder das mulheres: imenso tema de investigação histórica e antropológica. Essas representações são numerosas e antigas, mas muitas vezes recorrentes. Elas modulam a aula inaugural do Gênesis, que apresenta a potência sedutora da eterna Eva. A mulher, origem do mal e da infelicidade, potencia noturna, força das sombras, rainha da noite, grande tema romântico, e, em particular, de Mozart a Richard Wagner, da Ópera. Em Parsifal, a busca da salvação consiste em exorcizar a ameaça que a mulher representa para o triunfo de uma ordem dos homens (MICHAUD, 1983).

Através desse relato e definição observemos o papel feminino descrito. A mulher aparece como a causadora do mau, a responsável pelas mazelas do mundo e a que precisa ser exorcizada como se fosse demônio, ou como se fosse a única responsável por tudo que pudesse ocorrer de ruim ao homem. Seguindo esse mesmo pensamento, se nos remeter a alguns episódios históricos esse fato também nos é evidente. A mulher foi responsabilizada por diversas situações que o homem passou e assim ela torna-se a única culpada pelos problemas que vieram a ser enfrentados.

Peguemos como exemplo um caso bíblico, o fato de Adão e Eva terem sido expulsos do paraíso. Deixando de lado as questões religiosas, não nos compete analisarmos sob a ótica da religião o fato ocorrido. Tomemos como base apenas o fato de quem foi responsabilizado pela perda de todas as vantagens do paraíso. Através da história contada, Eva foi a responsável pelo fato, somente ela cometeu erros, e assim somente ela teve a responsabilidade por isso, o seu companheiro Adão foi punido por estar junto dela e por se deixar influenciar por seus argumentos.

Observemos o modo como a história é contada e o modo como o papel feminino e masculino se delimitam nesses meios. Muitos outros exemplos poderiam ser citados com essa

mesma característica. Assim, socialmente vai sendo trilhado e definidos lugares de mulheres e homens na sociedade.

### **3. Considerações finais**

Analisar o papel da mulher em qualquer sociedade é fato que nos leva a compreender que muitos dos atributos e atribuições femininas foram criações e demarcações feitas por interesses de que essas se mantivessem na invisibilidade. Reconhecer a força e contribuição feminina nas ciências, nas artes, na política e demais setores sociais, seria abrir espaço para que as mulheres pudessem ter reconhecidos direitos que até então eram conquistas apenas dos homens.

Contudo, transpor limites e vencer barreiras sociais foi marco na vida de grandes mulheres que nos trouxeram grandes contribuições em todos os setores da sociedade. Compreender esses processos nos faz entender o papel da mulher na sociedade atual e o modo como se deram os acontecimentos nos faz ir além na busca por compreender o papel feminino na sociedade.

### **Referencias Bibliográficas**

FARIAS, Rejane Maria da Silva. **O legado científico de Marie Curie: desafios e perspectivas da mulher na ciência. Dissertação mestrado** Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática do Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande. 2018

HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções Europa 1789 – 1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007

MANFRED, A. Z. **História do mundo**. Edições Sociais. Vol. II 2016

MARTINS, Roberto de Andrade. **Ciência versus historiografia: os diferentes níveis discursivos nas obras sobre história da ciência**. Grupo de História e Teoria da Ciência, DRCC-IFGW, Unicamp

MARTINS, Roberto de Andrade. **Como não escrever sobre a história da Física – um manifesto historiográfico**. Revista brasileira do Ensino de Física.vol. 23. 2001

MICHAUD 1983. Apud. PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra. Trad. Denise Bottmann. 2010

MICHELLET, Jules. **History of France**. Paris, 1860

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra. Trad. Denise Bottmann. 2010

\_\_\_\_\_, **Minha História das Mulheres**. São Paulo, companhia das letras, 2007

\_\_\_\_\_, **Historia da Vida Privada: da Revolução Francesa a Primeira Guerra mundial**. São Paulo, companhia das letras, 2009.